

# CADERNO 2

ANO XVII NÚMERO 5.642 □ TERÇA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 2002

## Paulinho da Viola, 60 anos

O compositor, que faz aniversário hoje, ganha uma série de homenagens e muda de gravadora

MAURO DIAS

Paulo César Baptista de Faria não gosta de festas e badalações. Ganhou de presente um CD duplo dedicado à sua obra, interpretado por Teresa Cristina e o Grupo Semente. Participou do disco, cantando o samba *Depois de Tanto Amor*, mas não se sabe se vai ao lançamento oficial, que será hoje, dia de seu aniversário, no Centro Cultural Carioca.

No dia 20, no Espaço Cultural Sérgio Porto, sempre no Rio, recebe outro presente: a biografia *Paulinho da Viola, Sambista e Chorão*, assinada pelo jornalista João Máximo, volume que faz parte da coleção *Perfis do Rio*.

O príncipe do samba – como é reconhecido – não quis deixar sua legião de admiradores sem música, e tratou de antecipar os shows comemorativos do aniversário. Cantou, no Teatro João Caetano, no fim de semana. Repertório de clássicos – *Pe-*

*cado Capital, Argumento, Coração Leviano, Sei Lá, Mangueira, Dança da Solidão, Foi um Rio Que Passou na Minha Vida.*

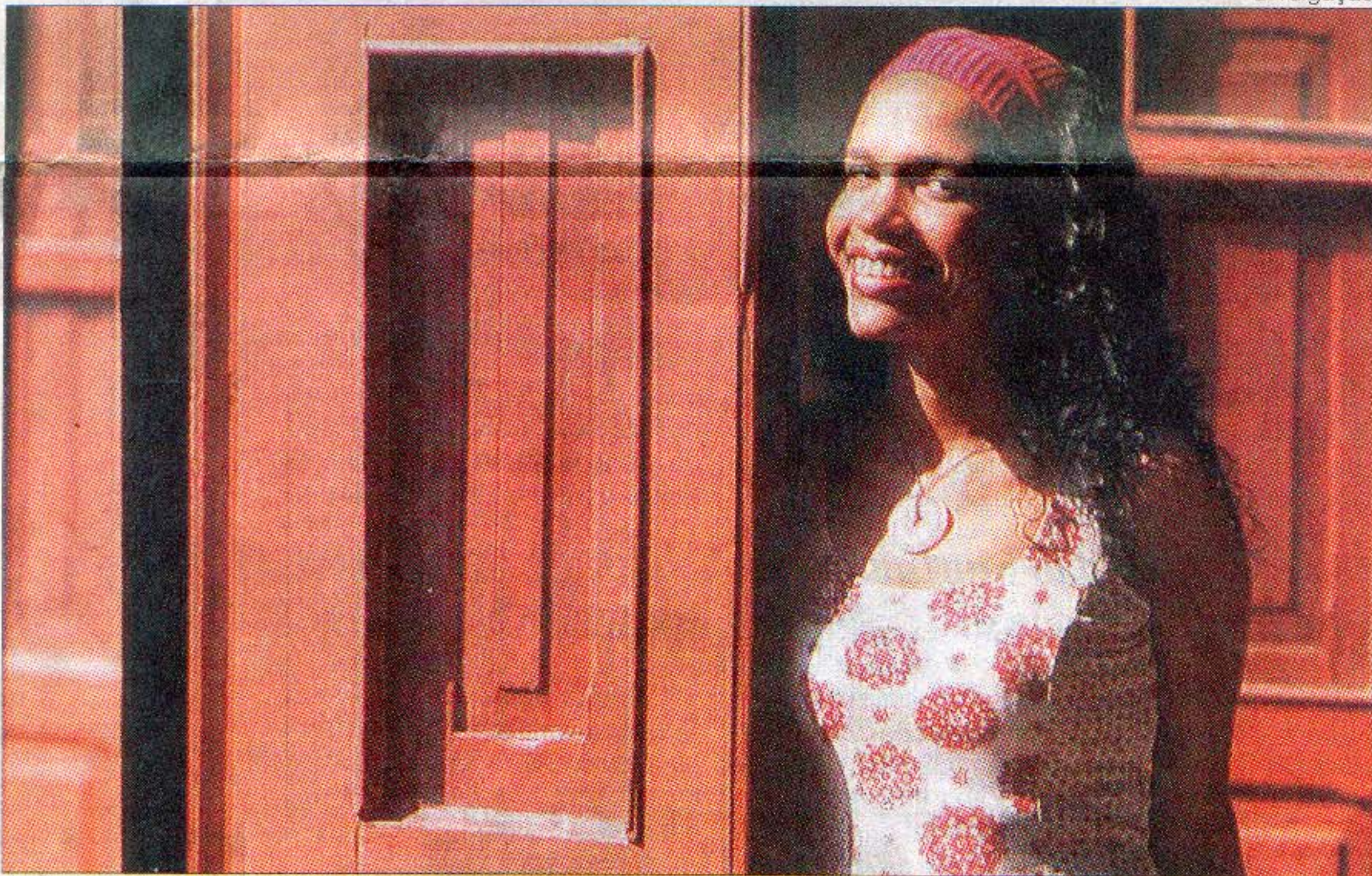
Subiu ao palco acompanhado do conjunto que tem à frente o violonista César Faria, seu pai, o mesmo que, um dia, disse ao adolescente que fosse ser médico ou engenheiro, jamais sambista. Paulinho conta a história no samba chamado *14 Anos*. Músico genial, César errou, dessa vez.

As homenagens não param aí. Paulinho ganha, em breve, um site na internet, e um documentário sobre sua vida e obra, com argumento de Zuenir Ventura e direção de Isabel Jaguari-be. O título do documentário – *Paulinho, Meu Tempo É Hoje* – brinca com o samba de José Batista e Wilson Batista que Paulinho gravou, *Meu Mundo É Hoje*.

Melhor notícia: o compositor está para assinar contrato com uma gravadora do Rio. A tradução é: Paulinho quer gravar novo disco. E esse presente será nosso.

## A obra do príncipe na voz de Teresa Cristina

Divulgação



Teresa Cristina: compositora e cantora, ela está à frente do movimento que marca a volta do bom samba e dos bons botequins ao centro do Rio

## ‘Sambista e Chorão’ é perfil que vai acender polêmicas

Livro escrito por João Máximo tem lançamento previsto para o dia 20

Assim, o grande compositor ganha uma biografia. *Paulinho da Viola, Sambista e Chorão* (132 págs., R\$ 23,00), escrito pelo jornalista João Máximo, é o mais novo volume da série *Perfis do Rio*, da editora Relume Dumará, co-editado pela prefeitura carioca e pela Rioarte. O lançamento está previsto para o dia 20, às 20 horas, no Espaço Cultural Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163).

João Máximo é co-autor, com Carlos Didier, do minucioso *Noel Rosa – Uma Biografia*, o mais preciso trabalho de pesquisa já feito sobre vida e obra de um compositor brasileiro.

Neste *Sambista e Chorão*, as qualidades do pesquisador estão evidentes, mas são menos pronunciadas. Afinal, como indica o título da série, trata-se de um perfil, não de um trabalho que esgote em todos os detalhes a personalidade e a criação do protagonista. Além do que, Paulinho continua criando e fazendo shows. Ao que tudo indica, haverá muito o que contar sobre ele, adiante.

Ótimo que, já no título, o autor enfatize as duas vertentes formadoras da obra de Paulinho da Viola – o samba e o choro. Afinal, o maior compositor vivo de samba é também figura fundamental à sobrevivência do choro – gênero que esteve re-

legado a segundo plano, considerado “coisa de velho”, até os anos 70, quando, no auge do sucesso (e da importância e do poder de influência), Paulinho lançou ao mesmo tempo dois discos dedicados ao choro.

Na introdução, João Máximo lembra que Paulinho é o herdeiro (da melhor tradição musical do Rio de Janeiro) convertido em guia. E impõe, já no primeiro momento: “Quem diz que o samba nasceu na Bahia ou é baiano ou é mal informado, quando não as duas coisas. E quem diz que choro é música de branco, ou parte das diferenças raciais para negar em sua história o lugar que o negro merece, ou ainda não se deu ao trabalho de consultar os vários estudos recentes a que se têm dedicado chorões sem preconceito.”

E parte daí para mostrar como se formaram esses gêneros tão peculiares, de que forma chegaram eles ao futuro compositor e foram por ele revistos, transformados – a epígrafe do primeiro capítulo resume, nos versos do samba de Paulinho, o que quer dizer o biógrafo: “Quando eu penso no futuro/ Não esqueço o meu passado.”

*Sambista e Chorão* situa Paulinho da Viola na onda criativa dos anos 60, em que surgiu, e termina lembrando o triste episódio do réveillon de 1996, quando, participando de uma homenagem a Tom Jobim, Paulinho recebeu cachê minguado em relação ao dos outros participantes, Caetano e Gil entre eles. Um livro para acender polêmicas. (M.D.)

### Acompanhada pelo Grupo Semente, a cantora carioca lança CD duplo dedicado ao mestre

Teresa Cristina e o Grupo Semente lançam hoje, com show marcado para 20h30, no Centro Cultural Carioca (Rua do Teatro, 37, centro), o CD duplo *A Música de Paulinho da Viola*, editado pela gravadora independente Deckdisc. No total, 28 músicas, duas das quais não são de Paulinho, mas, uma vez gravadas por ele, parecem ser dele: *Meu Mundo É Assim* (aquela do “Eu sou assim/ Quem quiser gostar de mim/ Eu sou assim”), de José Batista e Wilson Batista, e *Sentimento* (“... no meu peito eu tenho demais”), de Miginha.

Curiosamente, não há muitos discos dedicados à obra desse que é considerado um dos maiores compositores brasileiros de todos os tempos. No início do ano passado, os cantores Célia e Zé Luiz Mazziotti lançaram *Pra Fugir da Saudade* (Jam Music), só com músicas de Paulinho, e um outro, instrumental, do grupo Galo Preto – talvez seja os únicos, antes deste de Teresa Cristina e sua turma. E não há notícias de um songbook Paulinho da Viola em execução.

Portelense com nome de imperatriz, vascaína como seu homenageado (e como foi Paulo da Portela, fundador da escola de samba), Teresa Cristina está na linha de frente do renascimento do bom samba carioca. Se cabe a palavra renascimento. O bom samba não andou definindo – apenas ficou escondido, por trás do pagode brega industrial que fez a triste trilha sonora dos anos 90.

Mas há um renascimento efetivo, e também dele está à frente Teresa Cristina: o da Lapa de espírito boêmio, bons botequins que todos podem frequen-

tar, bom samba e bom choro nos palcos pequenos, quase improvisados – movimento que atrai milhares de interessados, de segunda a segunda, noite e madrugada, educando novos ouvintes e dando chance ao surgimento de novos talentos.

Ligada ao samba desde sempre, Teresa Cristina tinha pouca experiência de palco quando começou a cantar no bar Semente, no coração da Lapa, perto dos Arcos – o grupo que formou tomou de empréstimo o emblemático nome do bar. Meio de improviso, há pouco mais de quatro anos, Teresa Cristina e o Grupo Semente foram substituir uma atração que cancelou a presença na última hora.

De forma muito rápida, o Semente tornou-se o ponto máximo de referência e qualidade do (re)insurgente samba da Lapa. Outras casas abriram portas, nas pegadas do sucesso do Semente; outros grupos foram criados, novos ouvintes atraídos, compositores jovens ganharam microfones para mostrar a criação.

Teresa Cristina tem 34 anos (não custa lembrar: num mercado fonográfico torto e cruel como é o nosso, os novos valores, de Chico César a Lenine e Mônica Salmaso, conseguem aparecer, furando o bloqueio dos modismos, depois dos 30). É estudante de Letras, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Antes, foi manicure, auxiliar de escritório, vendedora. Trabalhou na vistoria do Detran e, nos primeiros momentos da vida universitária, criou uma rádio-pirata para tocar só música brasileira.

Chegou aos palcos madura, sabendo o que queria (e, muito tímida, uma vez

que a luz bate nela, vira rainha). Suas apresentações atraíram, além de novos, velhos sambistas. Teresa Cristina tornou-se uma espécie de ícone desse tal ressurgimento do samba. Merecedora do referendo, por versos e atos. Quando Seu Jair do Cavaquinho, ilustre portelense da Velha Guarda, gravado por Elisete Cardoso, Nara Leão e Paulinho da Viola, integrante do grupo que lançou Paulinho da Viola, estava perto de fazer 80 anos sem ter um disco gravado, foi Teresa Cristina quem organizou a coleta de fundos para dar-lhe o disco de presente de aniversário.

A cantora, não a (ótima) compositora, é que aparece no CD de estréia. “Eu não escolhi começar cantando Paulinho; eu preferi começar assim, pois essa foi a minha chance”, conta ela, que foi convidada por João Augusto, da Deckdisc, que fez o convite. “A Marisa Monte me disse: ‘Vai, lá, negocia, não topa de cara’” – mas João Augusto, que havia oferecido o projeto, antes, para Gal Costa e Leila Pinheiro, sem resultado, foi vincente. “Não negocie, topei na hora, sem saber quais eram as condições. Pensar, coisa nenhuma.”

Para quem tem como madrinha a cantora Christina Buarque e como admiradores todos os grandes do samba, Teresa Cristina não podia fazer diferente: gravou um dos discos mais bonitos da história recente do samba, com participações do Conjunto Época de Ouro, da Velha Guarda da Portela, de Elton Medeiros e, claro, do homenageado, Paulinho, no samba *Depois de Tanto Amar*. No encarte, o álbum traz as letras e as cifras das 28 músicas. (M.D.)

